



DE ÞÓRR DA MITOLOGIA ESCANDINAVA AO THOR DA MARVEL NOS CINEMAS: A RESSIGNIFICAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO DEUS

Victor Hugo Sampaio Alves*

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

victorweg77@gmail.com

RESUMO: Os nórdicos, seu passado e sua mitologia têm recebido constante atenção no meio midiático contemporâneo. Com esse resgate, tanto a figura do viking quanto seu panteão de deuses voltaram a se manifestar em nosso imaginário atual, às vezes fazendo justiça a aspectos históricos, outras vezes perpetuando estereótipos nascidos sobretudo no século XIX. O intuito do presente artigo é o de analisar os poderes, simbolismos e regências de Thor especificamente no primeiro filme da Marvel protagonizando o deus (2011), comparando os aspectos do imaginário contemporâneo a seu respeito, perpetuados nesse meio midiático, com os dados de que dispomos sobre o Þórr da mitologia nórdica de acordo com as fontes medievais. Buscaremos por elementos do deus-herói da Marvel que podem ter sido de fato inspirados na divindade escandinava e, paralelamente, por aspectos que parecem ser oriundos do imaginário social em torno do deus.

PALAVRAS-CHAVE: Thor – Marvel - Mitologia Nórdica.

FROM ÞÓRR OF OLD NORSE MYTHOLOGY TO MARVEL'S THOR ON CINEMA: THE CONTEMPORARY RESSIGNIFICATION OF THE GOD

ABSTRACT: The Norsemen, their past and mythology have been receiving constant attention in the contemporary mediatic environment. With such a revival, the image of the Viking warrior and his pantheon of gods started to manifest in our present imaginary once more, sometimes making justice to true historical characteristics, other times perpetuating stereotypes born mainly in the nineteenth century. The aim of the present paper is to analyze the powers, symbolisms and regencies of Marvel's god Thor in his first movie, comparing the aspects of contemporary social imagery about the god perpetuated by this mediatic tool, with data available from old Norse vernacular mythology Þórr according to medieval sources. We are going to search for elements of Marvel's god-hero which may have been derived from the Scandinavian deity and, simultaneously, for the aspect that may have been generated by the social imaginary surround the god.

KEYWORDS: Thor – Marvel – Norse Mythology.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Membro do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos) e do CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos).

INTRODUÇÃO: NÓRDICOS, ESTEREÓTIPOS, OITOCENTISMO E CINEMA

Ao pensarmos o sucesso de Thor na tela dos cinemas devemos considerar três contextos distintos que, no caso dos filmes sobre o deus, convergiram. Em primeiro lugar, necessitamos manter em mente o resgate atual da imagem dos nórdicos, principalmente graças à série *Vikings*¹, produzida pelo *History Channel* (2013 – atualmente), além da série *O Último Reino* (2015 – atualmente), inspirada no romance de ficção histórica homônimo de Bernard Cornwell. Outro contexto é o reavivamento da fantasia de inspiração medieval presente em séries como a famosíssima *Game of Thrones* – também desdobramento de um romance – e, no caso específico do Brasil, o fôlego que tem sido dado às novas traduções das obras de John Ronald Reuel Tolkien.² Por último, e não menos importante, levemos em conta a recente onda de filmes de super-heróis que tem feito inegável sucesso, sobretudo aqueles oriundos das histórias em quadrinhos dos universos Marvel e DC.

“Bárbaros”, “sanguinários”, “violentos” e “culturalmente atrasados”, os nórdicos foram assim constantemente descritos ao longo da Idade Média pelos povos por eles invadidos (WILLIAMS, 2008, p. 193-204). Tal concepção só viria a mudar muito depois da Era Viking e da Idade Média, quando, ainda bebendo da fonte do Romantismo, o século XIX resgataria a imagem do viking como elemento de identidade nacional germânica. Nesse contexto, o viking tornou-se um homem que, embora bruto, simbolizava o heroísmo em seu aspecto mais puro e indomável. Essa virada de entendimento, no que diz respeito à imagem do homem nórdico, é no mínimo curiosa: ele foi resgatado nesse período não por ser um herói cultural no sentido estrito da palavra, mas justamente por ser o oposto; o viking passou a ser admirado *porque* era bárbaro e, assim, representava a resistência contra o avanço da então-modernidade, operando enquanto símbolo encantador das paixões sublimes mais selvagens e irrefreáveis - tão

¹ Apesar de sua premissa aparentemente historicizante, a série possui diversos anacronismos, imprecisões históricas, elementos do imaginário coletivo acerca dos *vikings* (surgidos graças à Ópera Wagneriana e ao resgate realizado pelo romantismo oitocentista da figura dos nórdicos) e extrapolações nos entendimentos acerca de sua religião pré-cristã. A respeito das imprecisões históricas da série, recomendamos o número 10 do periódico *Notícias Asgardianas*, que conta com um dossiê temático sobre o tema. Sobre a criação da imagem oitocentista dos nórdicos, consultar Langer (2002) e Ward (2001).

² Somente no ano de 2019 a *Harper Collins* trouxe ao público brasileiro novas traduções de *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*.

caras ao Romantismo - e que jamais se renderiam ao racionalismo iluminista (LÖNNROTH, 1997, p. 225-250).

Foi também esse contexto que deu surgimento à ópera composta por Richard Wagner, *O Anel dos Nibelungos*, elaborada entre os anos de 1848 a 1874. Wagner concebeu sua obra tendo como inspiração a *Gesta dos Nibelungos*, além de diversos seres e histórias pertencentes às sagas e à mitologia nórdica. Tendo estreado em 1876, sua obra foi logo recebida com estrondoso sucesso, chegando a ser apresentada em países como Inglaterra e Itália (CÓRDOVA, 2018, p. 734-738). A ópera de Wagner, aliás, foi a grande responsável por ter popularizado inúmeros dos estereótipos existentes até os dias atuais a respeito dos vikings, como, por exemplo, os icônicos elmos com chifres ou asas.

Conforme notamos, os ecos nórdicos durante o oitocentos viriam, então, a ser inúmeros³, apesar de terem se iniciado com o Romantismo Nacionalista do século precedente. Nesse contexto, podemos retomar as obras do dinamarquês Johannes Ewald, escritor da popular peça de teatro intitulada *Balders Død (A Morte de Balder)*, que obteve grande êxito e causou considerável impacto em toda a Escandinávia e norte Europeu. Especialmente relevantes para nós são essas obras que resgataram narrativas mitológicas do panteão divino escandinavo e as reescreveram a seu modo, como o exemplo de Balder agora citado. Temos também o poema *The Descent of Odin*, publicado pelo inglês Thomas Gray em 1768 (CÓRDOVA, 2018, p. 734-738).

Também entre as artes plásticas dos séculos XVIII e XIX imperaram temáticas envolvendo divindades nórdicas. Obviamente que, dentre elas, figuraria o grandioso e hercúleo deus Thor. Destacamos em especial a pintura feita por Johann Heinrich Füsslich em 1790, nomeada *Thor Battering the Midgard Serpent*. Nela, o deus Thor, nu, com o corpo musculoso, ergue ambos os braços em direção ao alto para que tente suspender *Jörmungandr* – sua arqui-inimiga -, a serpente de proporções colossais que habita os oceanos de *Midgarð* e que o deus havia fisdado com um anzol.⁴ Em 1872, a pintura de

³ Para elencar apenas alguns: o poema *Vikingen*, do sueco Erik Gustav Geijer (1811); Esaias Tegner, também sueco, com sua nova versão da *Friðþjófs saga* (1820); o poema *A Viking's Hall*, do norueguês Henrik Wergeland (1830); o norte americano Henry Wadsworth Longfellow, com seu poema *The Skeleton in Armor* (1841); a pintura *A Viking Funeral*, de Frank Bernard Dicksee (1893) (LANGER, 2018, p. 706-718).

⁴ A narrativa mítica em que Thor fisga *Jörmungandr* e tenta puxá-la até seu barco era amplamente conhecida e difundida pela Escandinávia da Era Viking. Dispomos de três fontes literárias narrando o mito: uma versão no poema *eddicó Hymiskviða*, outra registrada por Snorri Sturluson no capítulo *Gylfaginning* de sua *Edda em Prosa* e, por fim, no poema escáldico *Ragnarsdrápa*. Além disso, existem também diversos registros iconográficos do momento em que Thor pesca a serpente, como na Pedra de

Mårten Eskil Winge, *Tors strid med jättarna* (*A Luta de Thor contra os gigantes*) ilustra o deus do trovão em sua carruagem puxada por bodes, engajando-se em combate contra os gigantes e novamente erguendo seu martelo para o alto, fazendo saírem raios que direciona contra seus inimigos.

Uma pintura com estilo levemente similar é *Thor drager paa Eventyr med Asaloke, Roska og Tjalfe*, de Frederik Storch (1880) em que, apesar de não figurarem os gigantes, Thor é ilustrado conduzindo sua carruagem acompanhado de *Lóki, Thjálfí* e *Roska* (narrativa que consta na *Edda em Prosa*). Curiosamente, notamos o deus do trovão e seus companheiros em vestimentas completamente românicas e os jogos de luz do quadro atribuem uma perspectiva direcionada ao martelo do deus, novamente erguido para o alto, de onde parecem surgir raios. A pintura de 1878 de Richard Doyle, *Thor Drives the Dwarves out of Scandinavia*, mostra um deus de proporções colossais erguendo seu martelo em direção às nuvens para afugentar anões que se escondiam em montanhas. Do universo literário, podemos elencar o poema *The Challenge of Thor*, de Henry Wadsworth Longfellow; nele o deus, se dizendo irmão de Júpiter (divindade romana dos trovões), se vangloria de seu poder, da força de seu martelo e de seus raios, desafiando Jesus para um combate.⁵ Em suma, podemos notar que as imagens em torno de Thor durante os séculos XIX e XVIII giravam basicamente em torno de sua força hercúlea e, principalmente, de seu poder de criar/manipular raios e da eficiência mortal de seu martelo.

Contudo, vale ressaltar que os nórdicos e sua popularidade não ficaram limitados ao Romantismo e ao Oitocentismo, apesar de terem encontrado neles o seu ápice. Ainda no século XX o interesse pelos nórdicos do passado permaneceu na literatura e nas artes plásticas, pois muitos europeus – e durante certo período até mesmo os norte-americanos – enxergavam nos povos nórdicos os seus gloriosos ancestrais, ainda que, ao pensar nesses ditos ‘ancestrais’, o fizessem justamente por meio da perpetuação desses estereótipos oriundos dos séculos XVIII e XIX (CÓRDOVA, 2018, p. 734-738). Ainda nos dias de hoje nosso imaginário social faz uso de elementos surgidos nesses séculos e

Altuna (Suécia), na Pedra de Hørðum (Dinamarca) e até mesmo em território Bretão, como na Cruz de Gosforth (Nortúmbria). Uma análise das diferentes versões e fontes do mito foi levada à cabo por Sørensen (2002, p. 119-139).

⁵ O poema em questão foi traduzido na íntegra e analisado por ALVES & VILHENA (2020).

os elege como modelos de entendimento e compreensão daquilo que o mundo nórdico medieval “parece ter sido”, como veremos no caso do deus Thor.

Por sua vez, após os anos de 1900 seria o cinema que passaria a desempenhar um papel essencial como novo veículo transmissor e propagador desses estereótipos sobre os nórdicos, estereótipos esses que, conforme explicitamos, haviam sido gerados séculos atrás. Foi no cinema, então, que se consolidariam as ideias e concepções que o imaginário popular já vinha carregando sobre os nórdicos: de maneira inevitável e definitiva, foi por meio dele que se estabeleceu uma simbiose entre as concepções que se tinham a respeito dos nórdicos e os elementos que as caracterizam e justificam (DELGADO, 2017). Portanto, desde as primeiras tentativas de se trazer essa temática para as telas⁶ até os primeiros filmes mais célebres sobre o tema, como *The Viking* (1928) e *The Vikings* (1958), encontramos os mesmos estereótipos, ainda resquícios do século XIX, sobre os nórdicos e seu modo de vida, que agora viriam a ser reafirmados nesse novo formato.

Dentre os aspectos mais permeados por tais facetas imaginárias a respeito dos nórdicos no cinema, certamente se encontram sua religião pré-cristã e seus respectivos rituais e panteão de divindades. Apesar da mitologia nórdica ser, nos dias de hoje, amplamente divulgada, as representações de sua religião ainda são completamente permeadas por uma áurea de mistério e exotismo, ou então de certo horror – ambos vieses, claro, resultado de continuidades do imaginário oitocentista a seu respeito – (LANGER, 2015a, p. 155-180). Deparamo-nos, muitas vezes, com uma percepção cristocêntrica da religião nórdica pré-cristã, ou seja, na adoção de referenciais oriundos de conceitos e premissas cristãs para que se compreenda a interprete uma religião não-cristã e politeísta (NORDBERG, 2012, p. 119-153). Nesse caso o que encontramos são, segundo Langer (2004a, p. 61-85), representações da religião nórdica pré-cristã que dizem muito mais sobre os nossos próprios referenciais, códigos morais e condutas de comportamento contemporâneos do que da religião nórdica propriamente dita. O paganismo, em suma, tende a ser representado na arte como catarse de tudo aquilo em que, segundo a visão cristã e ocidental, não podemos acreditar por ser errado, equivocado, ultrapassado e moralmente impróprio.

⁶ *The Viking's Daughter* (1908); *The Story of the Ancient Norsemen* (1908); *Norseman* (1909); *The Niebulungs* (1910); *Sigfrido* (1912); *The Oath of a Viking* (1914); *The Viking Queen* (1914); *En vikingafilm* (1922); *Os Nibelungos - A Morte de Siegfried* (1924) e *A Vingança de Kriemhilde* (1924).

Ainda assim, certas representações midiáticas aderem à representação de divindades do paganismo sem conectá-las necessariamente às religiões pré-cristãs, como é o caso dos filmes de Thor. Embora seja dito o tempo todo nesses filmes que Thor se trate de um deus e que sejam mostradas diversas outras divindades da mitologia nórdica - incluindo seus mundos divinos, como Ásgard -, eles aparecem como elementos fantasiosos, feito a mera narração de uma mitologia aparentemente desgarrada de qualquer crença ou sistema religioso, o que certamente é paradoxal.⁷ Nosso objetivo é entender, especificamente no primeiro filme da Marvel (*Thor*, 2011) quais são os simbolismos, valores, poderes e áreas de regência atribuídos a Thor; em outras palavras, adotaremos como referencial a concepção de imaginário social⁸ para que busquemos compreender parte daquilo que perdurou, até os dias de hoje, como sendo os traços elementares e constitutivos desse deus escandinavo.

Como vivemos em uma era de imagens, não podemos mais nos contentar em analisar apenas documentos escritos, principalmente se pretendemos investigar aspectos do imaginário social. A interpretação dos signos visuais tornou-se uma necessidade para os pesquisadores: as fontes imagéticas do cinema, por exemplo, podem terminar por colaborar no desenvolvimento do imaginário popular sobre inúmeros aspectos da História. Até mesmo as produções que aparentemente não estão tão vinculadas à História – como os próprios filmes de Thor - podem ser utilizadas como documentos da época em que foram criadas e, nesse sentido, são caminhos que nos revelam o pensamento e as

⁷ Consideramos a mitologia como prática cultural em contextos específicos a serem analisados. Segundo esse entendimento de mitologia, ela e a religião, apesar de serem categorias distintas, são sempre complementares. Nesses termos, a mitologia pode ser vista como um sistema de comunicação, categorização, interpretação e representação que opera de maneira mais simbólica do que linguística. Já a religião, por sua vez, pode ser vista em termos mais amplos como um tipo de registro de práticas que se desenvolve por meio de transmissões inter-geracionais, caracterizada *pela* mitologia, englobando também ideologia e visões de mundo (FROG, 2015, p. 33-57).

⁸ Partiremos da definição de Hilário Franco Júnior (2010): “(...)imaginário é um sistema de imagens que exerce função catártica e construtora de identidade coletiva ao aflorar e historicizar sentimentos profundos do substrato psicológico de longuíssima duração. Ou, ainda mais sinteticamente, imaginário é um tradutor histórico e segmentado do intemporal e do universal”. Posta essa conceituação, precisaremos também de uma definição do termo *imagem*, novamente oferecida pelo autor: “A construção de qualquer imagem material é expressão de uma imagem mental em certo contexto sociocultural, ou seja, toda imagem é tentativa de revelar certo modelo, seja psicológico, seja social. Essa relação modelo/imagem não é uma simples relação causa/efeito, pois a imagem também contribui para a construção ou reconstrução do modelo, que apesar desta condição não é algo imutável, também ele resulta de variáveis psicológicas e culturais. (...). Logo, é preciso é preciso considerar tanto a historicidade do modelo para compreender as imagens ligadas a ele, como levar em conta as imagens para se alcançar o modelo. Entre as duas instâncias as relações são, portanto, de reflexão – uma reflete a outra, uma reflete sobre a outra –”.

compreensões contemporâneas acerca de algum objeto ou evento histórico; elas criam ‘novas histórias’ (LANGER, 2004b, p. 1-13). Além disso, estudar as representações dessa divindade nórdica no cinema interessa não somente à História, mas também à Ciência das Religiões: os livros, filmes e a cultura *pop* de maneira geral são grandes influenciadores do Paganismo Contemporâneo. Essas produções midiáticas atuam na construção de subjetividades e na ressignificação do imaginário que essas pessoas possuem a respeito do que o paganismo antigo teria, de fato, sido. A cultura *pop*, nesse contexto, gera e propaga entendimentos religiosos que, por mais que não possuam pretensões históricas, acabam atuando na construção do entendimento do passado (TSUGAMI, 2019, p. 6-24).

Primeiramente, oferecemos um breve panorama a respeito de Thor conforme consta nas fontes primárias da mitologia nórdica a que temos acesso, ou seja, explicitaremos qual seria a imagem desse deus segundo as fontes medievais. Em seguida, analisaremos os poderes e características de Thor no primeiro de seus filmes, *Thor* (2011)⁹, buscando por quais de seus traços parecem fiéis ao que as fontes medievais revelam e quais parecem ainda perpetuações da imagem construída a respeito do deus nos séculos XVIII e XIX. É importante ressaltar que, para cumprimento de nosso objetivo, não iremos analisar a produção cinematográfica em si, ou seja, o filme como um todo, mas apenas a representação de Thor e os *seus* aspectos segundo este primeiro filme. Temos conhecimento de que essas produções cinematográficas são produtos derivados de histórias em quadrinhos (HQ’s) da Marvel e que pode haver diferenças entre um material e outro (LANGER, 2006, p. 50-54) mas, por questões de espaço, não levaremos em conta as representações do deus nos quadrinhos. Pela mesma razão, tampouco poderemos levar em conta as aparições de Thor em outras produções da franquia, como em *Os Vingadores* (2012; 2015; 2018; 2019), ou em seus outros dois filmes: *Thor: o mundo sombrio* (2013) e *Thor: Ragnarok* (2017).

ÞÓRR NA MITOLOGIA NÓRDICA

Podemos afirmar com relativa segurança que Þórr¹⁰ era uma das divindades mais importantes para o paganismo nórdico (LANGER, 2015b, p. 496-503), tendo sido

⁹ **THOR**. Direção: Kenneth Branagh. Estados Unidos. Produtora: Paramount Pictures, 2011, 115 min.

¹⁰ Como estratégia para distinção de identidade, optamos propositadamente por nos referirmos ao deus empregando a grafia em Nórdico Antigo (Þórr) ao tratarmos de sua presença na religião e mitologia

cultuado em ampla escala por todo o território escandinavo (NORDEIDE, 2006, p. 218-222). Þórr¹¹ era filho do deus Óðinn e da gigante Jörð¹², casado com a deusa Sif, de quem sabemos pouco a respeito, a não ser o fato de que tinha belos cabelos dourados. A moradia de Þórr era Þrúðheimir ou Þrúðvangr, ambos nomes que denotam sua força e significam, em nórdico antigo, “casa do poder”, ou então “campos do poder” (SIMEK, 2007). O deus é frequentemente relatado se locomovendo em uma carroça puxada por seus dois bodes, Tanngrísinir e Tanngnjóstr e, por isso, é chamado em algumas fontes literárias de “senhor dos bodes”, como na vigésima estrofe do poema *eddic* *Hymiskviða*. Outros detalhes relevantes e fortemente icônicos – pois, conforme veremos, são elementos constituintes de identidade do deus – são os equipamentos mágicos aos quais Þórr recorre incontáveis vezes. Ele possui um cinto mágico capaz de aumentar ainda mais sua já sobre-humana força, o megingjörð, ou “cinto da força”. Há também menção a um par de luvas mágicas, as járngreipr¹³, sem as quais, segundo Snorri Sturluson, Þórr não seria capaz de erguer o seu martelo mjölnir.



nórdica pré-cristãs, e a grafia latinizada (Thor) quando formos nos referir ao deus contemporâneo presente no mundo Marvel.

- ¹¹ Þórr possuía diversos outros epítetos nas fontes de que dispomos, dentre eles, Hlórriði (“o deus barulhento” ou “o deus estrondoso do clima”); Ása-Þórr (“Þórr, o Æsir”); Öku-Þórr (“Þórr da carruagem” ou “Þórr, o condutor”) e Vingþórr (possivelmente “Þórr das batalhas”), para citar apenas os mais recorrentes. Algumas relações etimológicas do nome de Þórr são apontadas por Jan de Vries, segundo o qual a forma germânica mais antiga do nome teria sido Þunnar. Outras derivações, também nomes de divindades, teriam sido Þunor em Inglês Antigo; Thunar em Antigo Saxão; Tanaros em gaélico; Turisas em fínico; e Donar em Antigo Alto Alemão. Da mesma origem etimológica seriam as palavras que, em vários idiomas germânicos, denominam o fenômeno do trovão (SIMEK, 2007; VRIES, 1962).
- ¹² Uma gigante/deusa que constitui uma complexa figura da mitologia nórdica. Seu nome é um sinônimo para Terra. Aparentemente, trata-se de uma deidade ctônica cultuada desde antes da Era Viking, sendo uma espécie de personificação da Mãe-Terra (MALTAURO, 2015, p. 272-273).
- ¹³ Como tanto as luvas quanto o cinto de Þórr são mencionados pela primeira vez na *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson, já no século XIII, e não constam em poemas mais antigos da tradição *eddic*, Rudolf Simek (2007) defende que tenham se tratado de invenções literárias do autor.

Aliás, o martelo é um grande elemento distintivo e caracterizador do deus nórdico, conforme apontam inúmeros vestígios literários¹⁴ e arqueológicos.¹⁵ É fazendo uso de mjölnir como arma que Þórr esmaga o crânio de seus inimigos, os gigantes¹⁶, inúmeras vezes; além disso, ele é um artefato tão importante que, se tomado das mãos de Þórr, todo o equilíbrio e ordem cósmica são ameaçados. No poema *eddicó Þrymskviða*, ao ter seu martelo roubado por um gigante, Þórr chega a cogitar oferecer a deusa Freyja em casamento para que pudesse reavê-lo; tendo a deusa obviamente recusado esse ultraje, Þórr, ninguém menos que o deus mais vigoroso e masculinizado da mitologia nórdica, aceita vestir-se de noiva, passando-se por Freyja, para que pudesse enganar o gigante e assim reaver seu martelo.¹⁷ Sobre suas propriedades mágicas nas narrativas mitológicas, Snorri Sturluson nos descreve, no *Skáldskaparmál*, que mjölnir produz raios e trovões ao ser arremessado e que, após atingir seu alvo, ele sempre retorna para as mãos de Þórr. Também na *Edda* de Snorri é constatado como o cabo do martelo de Þórr é curiosamente curto e o fato de que o deus precisa estar com seu par de luvas mágicas para que consiga erguê-lo. Estranhamente, é também nesse material literário em que há a única menção do uso de mjölnir¹⁸ para restauração da vida: Þórr o ergue para o alto e, em seguida, em

¹⁴ O martelo é um dos símbolos religiosos nórdicos da Era Viking que possui a maior quantidade de referências e alusões distribuídas por diversas obras literárias; o encontramos tanto nas *Eddas* quanto nas sagas islandesas. São os três principais tipos de significados atribuídos ao martelo ao longo desses materiais: como instrumento ritual e mágico, servindo para consagrar nascimentos, casamentos, mortes, funerais e juramentos, assegurar propriedades, consagrar terras, localizar ladrões, marcar fronteiras, propicia ressurreição e fertilidade da vida e manifesta-se como símbolo fálico; é usado como arma para defender o mundo, os deuses e homens contra as forças ameaçadoras do caos; por fim, como instrumento, protegendo contra elementos naturais que representem perigo (LANGER, 2015c, p. 496–503).

¹⁵ Existem diversos achados arqueológicos espalhados por toda a região escandinava de pequenas representações de martelos, ao que tudo indica réplicas do *Mjölnir* de Þórr, que eram utilizados pelos escandinavos como pingentes. Estes provavelmente possuíam propriedades mágico-religiosas e apotropaicas (MOTZ, 1997, p. 329 – 335; NORDEIDE, 2006, p. 218-223; PERKINS, 2001; WAMERS, 1999, p. 83-107).

¹⁶ São tantas as narrativas em que Þórr extermina gigantes, que o pesquisador John Lindow (2001) apresenta o deus como a “divindade especializada em eliminar gigantes”.

¹⁷ Há uma série de narrativas presentes entre diversos povos do Báltico (Finlandeses, Letões, Estonianos, Sámis e Lituanos) com paralelos estruturais comuns em que a arma/instrumento musical da respectiva divindade do trovão é roubada por uma entidade maligna. Essas narrativas são categorizadas, dentro da sistematização folclórica de Aarne-Thompson-Uther, como ATU 1148B. O pesquisador Frog, ao analisar diversas narrativas dessa categoria, constatou que curiosamente a única ocorrência germânica desse tipo de enredo é a *Þrymskviða*. Essa ocorrência isolada o fez cogitar que o poema se trate, na verdade, de uma criação tardia e de tom burlesco que, apesar de inspirada em mitos mais antigos, foi reelaborado e adaptado aos moldes de uma Escandinávia já cristianizada que permitia que se debochasse da figura de Þórr (FROG, 2018).

¹⁸ O significado do nome *mjölnir* ainda é motivo de acirrados debates na escandinavística e, dependendo da etimologia à qual nos alinhamos, somos levados a direções distintas no que diz respeito a nosso

direção aos ossos de seus bodes (que ele havia comido por ter tido fome), trazendo-os de volta à vida.

Elencar de maneira resumida o protagonismo de Þórr nas fontes primárias da mitologia nórdica e definir quais são, nelas, seus poderes e regências, é uma tarefa complexa e que dificilmente fará justiça a todas as facetas do deus.¹⁹ Por um lado, é certo que, em algumas narrativas, o deus ocupa uma posição inegavelmente central no desenlace do enredo, enquanto que, em outras, suas aparições são pontuais, embora significativas. Pertencente à primeira categoria, podemos citar os poemas *eddicos* *Þrymskviða*; *Hárbarðsljóð*; *Hymiskviða* e, à segunda, os poemas *Völuspá*; *Alvíssmál*; *Lokasenna* e *Grímnismál*. Em outro material, chamado *Edda em Prosa*, encontramos também algumas narrativas em que Þórr é o protagonista, como em sua famosa jornada ao reino de Útgarda-Loki, onde é ludibriado por uma série de ilusões mágicas; seu duelo contra o gigante Hrungnir, seguido pelo episódio em que o deus cria uma estrela a partir do dedo de Aurvandil; sua aventura no reino do gigante Geirröðr, onde se envolve em combates não só contra o gigante, mas também contra suas filhas e, por fim, a narrativa sobre o Ragnarök, narrativa escatológica em que Þórr e Jörmungandr, sua archi-inimiga, batalham e terminam por matarem um ao outro. Há, ainda, as aparições mais pontuais do deus, como na poesia escáldica, - nos poemas *Haustlög* e *Ragnarsdrápa* - e em alguns

entendimento sobre esse artefato, seja a respeito da semântica de seu nome, seja a respeito de sua origem etimológica. Rudolf Simek (2007) defende que *mjólnir* seria uma palavra relacionada ao eslavo antigo *mlunuji* e ao russo *molnija* (Молния), tendo sido importada pelos nórdicos. Ambas as palavras significam “raio” ou “aquele que causa os raios”. Outro possível caminho apontado pelo autor é o nórdico antigo *mjöll* (“nova neve”) e o islandês *mjali* (“cor branca”) e, nesse caso, *mjólnir* significaria algo como “arma brilhante de raios”. Turville-Petre (1975) elabora outra hipótese: a de que o nome do martelo derive dos verbos, em islandês antigo, *mala* (triturar) e *mølva* (esmagar), viés parecido ao adotado por Frog (2011), para quem há uma relação entre o nome do martelo e o ato de moer ou triturar, concepção dentro da qual *mjólnir* significaria “aquele que pulveriza”, associando-o à arma do deus Perkons, chamada *milna*, ou “pedra de moinho”. Como vimos, as possibilidades etimológicas do termo apontam para inúmeras alternativas interpretativas. Colocada em perspectiva amplamente comparativa, a arma do deus Þórr possui inúmeros paralelos tanto etimológicos quanto mitológicos, que se estendem da Escandinávia à Rússia, passando por povos celtas, bálticos, germânicos e até mesmo povos não indo-europeus, como entre os Komi-Zyrianos, povos fino-úgricos que habitam o extremo nordeste da Rússia e que possuem as palavras *mólni* e *molnij* para designar o raio (ALVES, 2020, p. 189-192).

¹⁹ Vigora, nos dias de hoje, a tendência a conceber os deuses dentro das matrizes simbólicas de sua(s) mitologia(s) como símbolos potencialmente polissêmicos, evitando concepções reducionistas que terminem por eleger um traço mais presente e claro das divindades como única possibilidade de atuação e regência. No caso de Þórr, por exemplo, basta examinarmos os poemas *eddicos* *Þrymskviða*, *Hárbarðsljóð* e *Hymiskviða* para que percebamos que sua área de regência ia para além da sua força excepcional e sobre-humana, que sem dúvidas é a que mais de destaca -, mas abarcam, também, o gigantocídio, seu papel na manutenção do equilíbrio cósmico e sua proximidade com os seres humanos, especialmente a classe campesina, enquanto que os vínculos com raios e trovões são, nessas três composições, basicamente inexistentes (ALVES, 2019, p. 182-186).

outros materiais prosaicos, como nas *Íslendingasögur* (Sagas dos Islandeses), nas *Fornaldarsögur* (Sagas dos Tempos Antigos) e na *Heimskringla* (Sagas dos Reis).

Ao longo dessas narrativas, alguns dos papéis e áreas de regência do deus foram notados, destacados e discutidos por diversos escandinavistas. Nelas, Þórr sem dúvida surge como uma divindade bélica e marcial (DUMÉZIL, 1973), talvez não no aspecto do guerrear *stricto sensu*, mas no sentido de que seus mitos abarcam, em sua grande maioria, suas batalhas contra os seres da raça dos gigantes, principais inimigos dos deuses²⁰ e, portanto, ameaçadores do equilíbrio cósmico vigente. Dessa primeira constatação derivamos outras duas: a de que, na maioria das vezes, Þórr busca deliberadamente esses combates porque, além de ser uma divindade bélica ele é, acima de tudo, o principal protetor dos deuses e da humanidade (LINDOW, 2001; DAVIDSON, 1988, 1990; SIMEK, 2007); e a segunda constatação, a de que Þórr trata-se de um deus caracterizado, acima de tudo, por sua incrível força sobre-humana, maior do que a de qualquer outro deus ou criatura (TAGGART, 2015; 2017a, p. 99-121).

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar como sendo outro aspecto marcante de Þórr o seu controle dos trovões e a regência climática. Apesar de inúmeros autores canonizados da escandinavística não terem visto qualquer problema em chama-lo de “deus dos trovões”, uma afinada crítica a esse respeito surgiu recentemente, concretizada na proposta por Declan Taggart (2015, 2017b). Conforme investigação realizada pelo autor, a maioria das fontes primárias de que dispomos sobre Þórr, produzidas na própria Escandinávia Medieval (em sua esmagadora maioria, de origem islandesa) não apontam para vínculos seguros entre o deus e um suposto controle dos raios, muito pelo contrário: a característica que se mantém como elemento definidor do deus, presente em todos os seus mitos, é sua força hercúlea. Inclusive, um estudo comparativo feito entre Þórr e outros “deuses do trovão” da região (Ukko dos finlandeses e Horagalles/Hovrengaellies dos sámis) aponta que, nessas outras mitologias, o vínculo entre essas divindades e os raios/trovões é muito mais explícito e claramente anunciado do que no caso de Þórr (ALVES, 2019), apesar de existirem traços análogos entre várias dessas divindades e Thor, inclusive entre ele e os deuses Perkūnas e Perun, das áreas

²⁰ É curioso notar como o gigantocídio é tema quase que incontornável nas narrativas do deus escandinavo, principalmente nos poemas *eddicos* e na poesia escáldica. Igualmente digno de nota é o fato de que Þórr é também especializado em eliminar as gigantas, algo ressaltado em seus mitos e que pode estar relacionado a algum tipo de representação que qualificasse o elemento feminino enquanto caótico (LINDOW, 1996, p. 3-20).

Báltica e Eslava respectivamente (ALVES, 2020, p. 158-161). Seja como for, essa vertente crítica é ainda muito recente e não se pode descartar a ideia de que Þórr fosse, de fato, uma divindade climática dos escandinavos relacionada à regência atmosférica.

THOR, O DEUS DO TROVÃO NA TELA DOS CINEMAS

O primeiro filme do herói, *Thor* (2011), nos apresenta um protagonista prestes a assumir o reino de Ásgard, mas que, porém, mostra-se ainda de certa forma imaturo para execução dessa responsabilidade: jovem e ávido por batalhar contra os gigantes de gelo, o deus se mostra ainda imprudente, ousado e até mesmo arrogante, negligenciando qualquer possibilidade de diplomacia²¹ (que seu pai, Odin, havia conquistado e estabelecido) entre o reino de Ásgard e o reino dos gigantes, Jotunheim. Num ato de impulso, Thor acaba quase causando uma nova guerra entre os dois reinos e, como punição, Odin o envia para Midgard, a terra dos humanos, e tira dele seu martelo mjölnir (que também é atirado na Terra, e de lá só poderia ser retirado por “aquele que fosse digno”). A trama basicamente gira em torno de Thor em Midgard tentando retornar para Ásgard.

Foi curioso que no filme não tenham sido empregados epítetos²² ou títulos para se referir ao deus – ao menos não diretamente -. Todo o tempo ele é chamado apenas de Thor, inclusive quando se apresenta aos humanos pela primeira vez, o que aponta para nós que essa preocupação com epítetos não pareceu relevante aos roteiristas. O primeiro detalhe que ressaltou a nossos olhos foi o fato de que, assim que desperta após ter sido enviado para Midgard, Thor descobre que ele não possui, ali, sua força típica da maneira como a tinha em Ásgard. É como houvesse uma cisão nos poderes do deus de acordo com o mundo em que estivesse, ou melhor, como se, ao transitar pelo reino dos homens, ele fosse obrigado a encarnar alguma espécie de *persona* que não o permitisse ter o seu poder

²¹ O filme assertivamente ilustra os gigantes como os grandes inimigos dos deuses e posiciona Thor como o principal exterminador dos indivíduos dessa raça, evitando qualquer diplomacia e partindo prontamente para o combate. Ambos esses aspectos possuem diversos respaldos na mitologia nórdica e, inclusive, Thor é até mesmo caracterizado por alguns estudiosos como “divindade especializada em matar gigantes”. No poema *Hárbarðsljóð*, visando elencar seus grandes feitos, Þórr menciona o nome de diversos gigantes e gigantes que teria exterminado (LINDOW, 1988, p. 119-136.).

²² Como, por exemplo, “o deus dos trovões”, “o deus de Ásgard”, “o senhor das batalhas”, ou algo do gênero.

plenamente a seu dispor.²³ Não há nada que nos permita dizer que, na mitologia nórdica, um deus abrisse mão de seus poderes em alguma medida quando fosse visitar Midgard, o reino dos homens (TAGGART, 2019, p. 1-21). Um deus em Midgard continuava tão deus quanto ele o era em Ásgard.²⁴

O aspecto relacional entre Thor e os outros personagens também se mostrou interessante. Em Ásgard o deus era amigo de uma poderosa guerreira chamada Sif mas que, ao contrário da mitologia nórdica, não aparentava ser sua esposa.²⁵ Além disso, o filme mostra como, estando em Midgard, Thor claramente se interessa pela cientista Jane Foster, algo que seria completamente estranho ao Þórr da mitologia escandinava: dentre todos os vastos relatos de participações e imersões do deus em Midgard, apenas uma fonte primária explicita um relacionamento de natureza sexual entre Þórr e mulheres humanas, na *Egils saga einhenda ok Ásmundar berserkjabana* (A Saga de Egil maneta e Ásmund, o matador de *berserkir*²⁶), algo completamente atípico para o deus.

Já na questão familiar, o filme coloca Thor e Lóki como irmãos que disputam o reconhecimento de seu pai, Odin, embora posteriormente seja revelado que Lóki era, na verdade, filho de gigantes que, abandonado em meio à guerra, foi resgatado por Odin e criado como filho.²⁷ Além de na mitologia nórdica Lóki e Thor realmente não serem irmãos, tampouco nota-se algum tipo de busca, por parte de Thor, da aprovação ou aceitação de pai. Talvez o mais próximo a isso seja o poema *eddicó Hárbardsljóð*, em que Thor tem uma discussão, no formato de duelo verbal, com Odin, que estava disfarçado de Harbard, para que vissem qual dos dois era responsável pelos feitos mais gloriosos. Ainda assim, não se trata de uma busca por aprovação, pois Thor sequer sabia

²³ Essa diferença entre o Thor deus e o Thor humano é ainda mais explícita nas HQ's. Lá, até mesmo antes de descobrir que era um deus, Thor assume a identidade do médico norte-americano Donald Blake (OLIVEIRA, 2014, p. 1-30).

²⁴ Apesar de haver algumas exceções, como, por exemplo, quando *Odin* descia a *Midgard* disfarçando-se de andarilho (o que não significa que não pudesse, naquele momento, fazer pleno uso de seu poder se assim o desejasse).

²⁵ A relação entre Þórr e *Sif* pode ser percebida em menções tanto na *Edda em Prosa* (Prólogo; *Gylfaginning*, 31; *Skáldskaparmál*, 77) quanto na *Edda Poética* (*Hárbardsljóð*, 48; *Lokasenna*, 53-54; *Hymiskviða* e *Prymskviða*, nesses dois últimos o deus é chamado de “marido de *Sif*” várias vezes).

²⁶ Cap. 12.

²⁷ Na mitologia nórdica, apesar de viver entre os deuses, Lóki, de fato, é da raça dos gigantes, conforme relatado na *Edda em Prosa* (*Gylfaginning*).

que conversava com seu pai, e o poema em questão tem sido lido como sendo uma forma de se contrastar e ordenar os dois deuses e suas áreas de regência.²⁸

O grande elemento distintivo e caracterizador de Thor no filme é sem dúvidas o seu martelo mjölnir. Notamos isso quando, ao ser enviado para Midgard e destituído parcialmente de seu *status* divino, o deus é justamente separado de seu martelo, que é cravado numa pedra e de lá só seria retirado “por quem fosse digno.”²⁹ Em dado momento, quando consegue se aproximar do martelo na pedra, Thor não é capaz de removê-lo: nem ele próprio, naquele momento, era digno de mjölnir. Apenas próximo ao término do filme, quando o deus se oferece para que o monstro enviado a Midgard por Lóki o mate - desde que deixasse a humanidade em paz - é que ele se torna novamente digno do martelo. Nesse momento, ele estende seu braço e mjölnir vem até ele. Claro que, agora possuindo sua arma, Thor é capaz de exterminar a ameaça e de, em seguida, voltar para Ásgard buscando uma resolução para o problema causado por Lóki. De fato, na mitologia nórdica o deus é sem dúvida caracterizado pela posse de seu martelo mágico, arma com a qual, segundo os mitos narram, ele esmaga o crânio de seus inimigos gigantes.³⁰ Nas raras ocasiões em que, nos mitos, está sem seu martelo, a razão de ser da narrativa é justamente o resgate do artefato por parte de Þórr.³¹

Assim, tanto a conexão entre Thor e mjölnir quanto a incessante busca por esse martelo, no filme, não são de modo algum temas estranhos à mitologia nórdica. Conforme acabamos de expor, o martelo é um elemento constantemente presente nas narrativas mitológicas em que o deus figura, tendo sido objeto de considerável foco também no filme. Isso nos possibilita afirmar que, em ambos os contextos, mjölnir atuou como elemento de identidade e caracterização do deus. Porém, ainda no quesito de seus

²⁸ Inclusive, o recurso narrativo empregado busca conferir crédito a essa ordenação e diferenciação, colocando as palavras, no poema, como se saíssem da boca dos próprios deuses e a audiência estivesse assistindo à discussão. Neste embate, Odin curiosamente se gaba de seu poder de sedução, enquanto Þórr se esforça para que sua função como matador de gigantes (e gigantas) seja devidamente reconhecida. Ainda assim, Thor é claramente derrotado e posicionado hierarquicamente abaixo de seu pai Odin. Isso acontece não por conta de alguma desimportância de seus feitos, pois esses indubitavelmente não são pequenas coisas, mas devido ao campo em que a disputa se deu: no duelo verbal e no reino da poesia, estes sabidamente regidos por Odin (LINDOW, 2000, p. 170-181; 1996, p. 119-136).

²⁹ Algo que lembra mais a espada Excalibur das lendas arturianas, cravada na pedra, do que elementos da mitologia nórdica propriamente dita.

³⁰ Um dos poucos episódios em que luta contra gigantes sem o seu martelo é em seu combate contra o gigante Geirröðr, narrado na *Edda em Prosa*. Em outras batalhas, mjölnir é sempre sua arma.

³¹ Como em *Þrymskviða*, por exemplo.

equipamentos e artefatos representados no filme, é curioso perceber que seu cinto da força – megingjörð – e suas luvas de ferro – járngreipr – não apareceram em momento algum. Essa super ênfase em *mjölfnir*, se pensada juntamente da negligência em torno dos outros dois equipamentos, de certa forma não condiz com os relatos da mitologia nórdica. Se por um lado o *mjölfnir* de fato está presente em diversos mitos em que as luvas e o cinto não são mencionados, por outro, Snorri Sturluson ao sistematizar seu conhecimento mítico na *Edda em Prosa*, apresenta Thor a seu leitor e menciona prontamente todos os três equipamentos, sem fazer nenhum tipo de distinção a respeito de qual seria o mais importante.³² Essa constatação permitiria que chegássemos à conclusão de que o filme acabou dando voz às outras fontes mitológicas (poesias *eddicas*) em que *mjölfnir* predomina, em detrimento do material exposto por Sturluson que, ao menos nesse aspecto, não acabou sendo tão repercutido na película. Contudo, devemos levar em conta que os desenhistas e roteiristas muito provavelmente não tenham ido atrás de qualquer material medieval para inspiração no momento de pensar as aventuras de Thor: a massiva presença e importância que *mjölfnir* recebe no filme e nas HQ's provavelmente é muito mais uma herança advinda da construção da imagem do deus no Oitocentos³³, contexto em que, conforme vimos, o deus era comumente retratado nas artes plásticas e literárias bradando seu martelo.

O fato de que, para ter sido novamente merecedor do *mjölfnir*³⁴, Thor tenha precisado oferecer sua vida em prol da comunidade humana é também relevante e possui sem dúvidas paralelos na mitologia nórdica. Lembremos do episódio narrado no *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*, em que Þórr é acolhido por um camponês e seus dois filhos; em agradecimento, o deus oferece seus dois bodes como banquete, avisando-os,

³² “He [Thor] also has three special possessions. One of them is the hammer Miollnir, well known to frost-giants and mountain-giants when it is raised aloft, and that is not to be wondered at: it has smashed many a skull for their fathers and kinsmen. He has another possession that is very valuable, a girdle of might, and when he buckles it on his As-strenght is doubled. He has a third thing that is a most important possession. This is a pair of iron gloves. He must not be without these when he grips the hammer. But there is no one so wise that can recount all his exploits, though I can tell you so many stories about him that much time will be taken up before all I know is told” (*Edda em Prosa, Gylfaginning*).

³³ Na parte visual, contudo, é interessante notar que o filme não adotou o mesmo visual wagneriano que as HQ's, tendo optado por abandonar a representação do elmo com asas.

³⁴ Nesse sentido o filme também se manteve fiel às HQs: No arco *Tales of Asgard*, conta-se que Thor havia ficado tão arrogante, prepotente e orgulhoso que trouxera perigo para Asgard. Assim, seu pai Odin decide puni-lo, fazendo-o perder a memória, tirando-lhe o martelo, transformando-o em humano enviando-o para a Terra (Midgard). Vivendo como um humano, o deus passou a ser humilde, honesto, compreensível, etc., até que se tornou “digno de possuir o poder de Thor” novamente (OLIVEIRA, 2014, p. 1-30).

contudo, que seus ossos deveriam ser preservados. No entanto, o fazendeiro, escondido do deus, quebra um dos ossos do bode para que comesse o tutano. Na manhã seguinte, quando ergue seu martelo para o alto e o utiliza para ressuscitar seus bodes, Þórr nota que um deles estava manco.³⁵ Como castigo, os filhos do fazendeiro tornam-se seus servos, mas não no sentido tão estritamente punitivo quanto se possa conceber: o menino, Thjálfi, vira um frequente companheiro de aventuras e fiel escudeiro de Þórr, inclusive tendo um papel decisivo em narrativas como a do combate do deus contra o gigante Hrungnir. Þórr era o protetor último da humanidade, uma divindade que, mais do que qualquer outra, assegurava e prezava pelo bem-estar da comunidade³⁶, atendendo-a em todos os seus aspectos de forma a manter a lei e a ordem. Essa proximidade entre Thor e a comunidade humana³⁷ foi sem dúvidas não apenas mantida, como muito bem retratada nos filmes.

O último aspecto que desejamos abordar, sem dúvida o mais emblemático e polêmico, é o poder de Thor para criar, manipular e controlar o clima, principalmente os raios. No início da película, ao lutar contra os gigantes de gelo em Jotunheim, Thor faz uso dos raios por diversas vezes; ao resgatar mjölnir e batalhar contra o colosso de ferro que Lóki havia enviado, Thor cria uma tempestade intensa (incluindo um enorme furacão) repleta de raios; e, por fim, gladiando contra o próprio Lóki, Thor conjura um enorme raio para atingi-lo. Podemos dizer que, no filme, o outro grande elemento caracterizador do deus, além do mjölnir, é seu poder de controle dos fenômenos atmosféricos.

Mas o quão certo era o vínculo entre Þórr e os raios e trovões na mitologia nórdica? Vimos que, etimologicamente, Þórr e outras derivações germânicas do nome,

³⁵ John Lindow enxerga, na ocasião em questão, uma falha humana na capacidade de executar um ritual corretamente (fruto de uma incompreensão humana frente a uma ordem divina), o que a princípio gera fúria no deus. Uma vez amedrontados, imploram pela piedade divina que é, de fato, concedida. O resultado seria, então, um relacionamento mais próximo entre homens e deuses. Para fins ilustrativos, vale destacar que, mesmo depois do conturbado acontecimento entre Þórr e a família do fazendeiro, Thjálfi apresenta posteriormente um papel imprescindível em duas narrativas específicas, que seriam a jornada de Þórr para Utgarða-Loki e em seu duelo contra o gigante Hrungnir. Þórr se consagra, então, por meio de sua conduta nesse mito, como protetor e amigo da comunidade humana (LINDOW, 2000, p. 170-181).

³⁶ Inclusive, um dos títulos conferidos ao deus era *alda bergr*, algo como “defensor dos Homens” (DAVIDSON, 1990).

³⁷ Apesar de que, certamente, sua proximidade para com os humanos e o zelo pelo seu bem-estar foram também características *sine qua non* para que pudesse ser visto enquanto super-herói e não apenas deus. No sentido de seu caráter, o Þórr da mitologia nórdica era irritável, impetuoso, imprudente, impaciente e voraz, enquanto que sua representação nas HQ’s assumiu um caráter mais *a la* cavalheirismo do medievo, modelo que foi resgatado e atualizado pelo universo dos quadrinhos: destemido, solidário, complacente, humilde, justo, herói enfim (OLIVEIRA, 2014, p. 1-30).

oriundas da mesma raiz linguística (VRIES, 1962) que seriam, em tese, palavras empregadas para se dirigir tanto à divindade dos trovões quanto ao fenômeno do trovão propriamente dito – e, nesse caso, apontariam para uma relação entre uma coisa e outra – . Porém, precisamos lembrar que as línguas são dinâmicas e impermanentes e, assim sendo, o significado das palavras é determinado e renegociado pelas pragmáticas do ambiente sintático e cultural em que circulam. É possível que em algum momento essas sociedades tenham conservado o nome Þórr, por exemplo, sem que necessariamente ele invocasse o fenômeno dos trovões: o apelativo – palavra que denota uma classe de seres – pode manter-se homofônico a um substantivo próprio – como Þórr – sem que tenha valor descritivo (AINIALA; SAARELMA & SJÖBLOM, 2012). Em outras palavras: em algum momento, Þórr poderia designar um ser divino sem que conotasse o trovão.

Ao pensarmos nas narrativas mitológicas, o vínculo entre Þórr e os trovões também não é nada explícito, ao menos nas fontes primárias de que dispomos – quase todas de procedência islandesa -. Apesar de, nesses materiais, o deus ser ilustrado frequentemente como uma divindade de força hercúlea, inimigo ferrenho dos gigantes e protetor da humanidade, seu poder de regência atmosférica encontra-se numa camada semântica muito mais obscura e profunda.

Por mais incrível que possa parecer, no principal *corpus* da mitologia nórdica, os poemas *eddicos*, não são encontradas relações diretas entre Þórr e os trovões. Ao invés disso, ela pode ser percebida nos poemas escáldicos *Haustlög*³⁸ e *Þórsdrápa*³⁹, por exemplo. No primeiro, o poeta foca no deslocamento e movimentação de Þórr até o local em que duelaria contra o gigante Hrungnir, deslocamento esse que é descrito causando raios e trovões. O problema é que a ocorrência desses dois fenômenos parece ser, aqui, acidental: eles não são o foco da descrição, além de que outros fenômenos ambientais os acompanham, também elencados como sendo fruto da movimentação de Þórr, como a queda de granizo, pedras flamejantes sendo lançadas e o chão se partindo em fendas. Considerados todos esses fenômenos juntos, estamos diante da vívida descrição de um ambiente caótico e tumultuado, que pode muito bem se tratar de um recurso narrativo para expressar a força e as proporções colossais do deus, e não uma regência atmosférica propriamente dita (TAGGART, 2017, p. 123-146).

³⁸ Escrito provavelmente no século IX pelo poeta norueguês Þjóðólfr de Hvinir e reproduzido de maneira direta na *Edda em Prosa* por Snorri Sturluson.

³⁹ Composto pelo islandês Eilífr Goðrúnarson, no século X.

No caso de *Pórsðrápa*, o poeta faz alusão direta ao movimentar da carruagem do deus, conectando sua movimentação às tempestades. Acontece que a palavra utilizada para tempestade, *hregg*, não está tão intimamente relacionada aos raios e trovões quanto parece. Ao comparar a aparição dessa palavra em *Pórsðrápa* com a de outros poemas e contextos, percebe-se que ela está, na verdade, muito mais relacionada a um contexto marítimo e dos ventos (que, juntos no mesmo cenário, também evocam tempestades) do que a raios e trovões (TAGGART, 2015; 2017, p. 123-146). Esse último argumento parece fazer sentido se considerarmos a perspectiva defendida por Richard Perkins (2001) quem, baseado em alguns materiais literários e em alguns vestígios da cultura material, defende que Þórr seria visto pelos escandinavos como uma espécie de “senhor dos ventos”, criando-os ao assoprar sua barba e, em seguida, direcionando-os de acordo com seu desejo.⁴⁰ Nesse aspecto, acredita o autor, Þórr teria sido cultuado como uma divindade dos ventos principalmente por marinheiros nórdicos em suas constantes, longas e perigosas expedições marítimas. Contudo, trata-se da defesa de uma regência dos ventos por parte do deus, e não necessariamente de outros fenômenos atmosféricos, como os raios, chuvas e trovões.

Algumas outras fontes mencionam uma ligação entre Þórr e os trovões, como a *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*, de Adão de Bremen (séc. XI) e a *Gesta Danorum*, de Saxo Grammaticus (séc. XII). Foge de nossa proposta e do espaço que dispomos uma análise completa e digna das obras em questão, mas o que podemos apontar é para o fato de que ambas estão repletas de influências clássicas e, assim, ambos os autores, para interpretar o panteão divino nórdico, adotam como modelo ideal de

⁴⁰ Fazendo uso de fontes literárias como a *Flóamanna saga*, a *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*, o *Landnámabók* e principalmente a *Rögnvalds Þáttr ok Rauðs*, Perkins demonstra a importância social e religiosa conferida ao vento nessas obras. Em sua *Gesta Hammaburgensis*, Adão de Bremen descreve uma estátua do deus Þórr no templo de Uppsala oferecendo, em seguida, uma lista com os principais atributos do deus. Nesse momento, descreve que ‘Thor preside sobre o ar (...)’. Na *Flóamanna saga*, o herói Þorgils Þórðarson abraça o cristianismo e começa a ser perseguido por Þórr, que aparece em um de seus sonhos ameaçando-o com tempestades. Ainda assim, Þorgils decide partir numa viagem marítima rumo à Groenlândia. Apesar de sair com o um vento que parecia favorável, o mesmo desaparece assim que a terra some de vista e o barco, assim, fica estagnado. O barco fica parado por mais de três meses, até que água e comida começam a faltar. Na *Rögnvalds Þáttr ok Rauðs* é descrito como Þórr faz o vento surgir ao assoprar sua barba. No *Landnámabók* há a ocorrência do personagem *Helgi magri Eyvindarson*, um cristão que, em momentos difíceis e especialmente durante viagens marítimas, recorria a Þórr. O autor também se baseia fortemente numa estátua em miniatura encontrada em Eyjafjörður, na Islândia. Ela representaria o deus Þórr, sentado num banco e soprando sua longa barba, um ato que simbolizaria a criação dos ventos pelo deus (PERKINS, 2001).

concepção o panteão greco-romano.⁴¹ Como consequência, Þórr termina por ser descrito, nessas obras, como uma espécie de versão escandinava de Júpiter, divindade romana dos trovões (TAGGART, 2015; 2017, p. 123-146). Somemos isso ao fato de que nem na obra de Snorri Sturluson, que pretendia, dentre outras coisas, elencar as principais características, *kennings* e regências dos deuses nórdicos, os trovões de Þórr são mencionados. A única exceção é quando o autor reproduz na íntegra o poema *Haustlöng*, mas fora, isso, Snorri elenca o nome dos equipamentos de Þórr; o nome de sua moradia; diversos de seus epítetos (nenhum relacionado ao trovão); enumera exaustivamente suas principais características, poderes e feitos (sobretudo no *Gylfaginning* e no *Skáldskaparmál*) e, ainda assim, raios e trovões nunca são mencionados. Apesar de todas essas incertezas no que diz respeito ao vínculo entre Þórr, os raios e trovões, a imagem que predomina no filme é a de um deus cujo principal poder é o controle e manipulação dos raios, trovões e fenômenos atmosféricos afins.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao realizar uma análise como a aqui feita, o objetivo não é apontar o que estaria certo ou errado nos filmes de Thor por meio da adoção da mitologia nórdica como base do que seria o ‘correto’. Para muito além de tentar apontar se o Thor dos cinemas seria um Thor ‘autêntico’, buscamos perceber quais de seus traços e características se mostram pertinentes e relevantes nos dias de hoje, e se, por acaso, essas caracterizações também se fizeram importantes ao longo do Medievo, na cultura vernacular escandinava. Em outras palavras, até que ponto podemos dizer que Thor e Þórr se referem à mesma divindade, ou melhor, à mesma concepção, ao mesmo modelo mental?

Pudemos constatar que, no imaginário contemporâneo do super herói da Marvel, ainda habita um Thor cujos atributos muito nos lembram o deus nórdico: uma divindade de traços extremamente humanos; protetora e amiga da humanidade, com quem mantém uma proximidade quase que natural e espontânea; dotada de uma espantosa força hercúlea; inimiga última da raça dos gigantes; possuidora do poderosíssimo martelo *mjölnir* (que atua, também, como artefato que é parte constituinte da própria identidade de Thor) e responsável por feitos memoráveis. Por outro lado, ainda imperam inúmeras

⁴¹ Inclusive, tanto Saxo Grammaticus quanto Adão de Bremen expressam abertamente, em suas obras, sua admiração pelo mundo clássico e seus autores.

concepções que nos remetem muito mais ao Thor do século XIX: um ‘deus dos trovões’ de proporções colossais que, ao erguer seu martelo para o alto, conjura e manipula raios, tormentas, tempestades e os utiliza em combate; algo que, como vimos, é extremamente tímido e questionável nas narrativas míticas de que dispomos sobre Þórr da mitologia nórdica.

Percebemos, portanto, que o Thor do primeiro filme da Marvel é, além de obviamente uma inspiração nos quadrinhos, uma releitura que o imaginário social contemporâneo fez não do deus Þórr da mitologia escandinava e presente nas fontes medievais, mas da imagem do deus Thor herdada do Oitocentos. Certamente que, apesar disso, alguns de seus aspectos acabam por coincidir com traços do deus na mitologia nórdica, enquanto que outros recebem uma super ênfase que, na mitologia, não se faziam tão presentes (como a regência climática e manipulação dos raios). De qualquer maneira, é surpreendente notar como o imaginário contemporâneo resgata a imagem de um deus e o reatualiza nos conformes de um super-herói.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINIALA, Terhi; SAARELMA, Minna; SJÖBLOM, Paula. **Names in Focus: An introduction to Finnish Onomastics**. Helsinki: Studia Fennica Linguistica, 2012.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. Deuses do trovão, p. 153-157. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. As direções em que Thor arremessou sua Arma: apontamentos sobre a Etimologia e os Paralelos Mitológicos de Mjöllnir. **NEARCO – Revista de Antiguidade e Medievo**, 2020, p. 173-195. Disponível em: https://www.academia.edu/44092941/As_Dire%C3%A7%C3%B5es_em_que_Thor_Arremessou_sua_Arma_Apontamentos_Sobre_a_Etimologia_e_os_Paralelos_Mitol%C3%B3gicos_de_Mj%C3%B6lnir

ALVES, Victor Hugo Sampaio; VILHENA, Guilherme Mazzafera e Silva. Thor nos Estados Unidos: The Challenge of Thor, de Henry Wadsworth Longfellow. **Scandia – Journal of Medieval Norse Studies**, n. 3, 2020, p. 753-788. Disponível em: https://www.academia.edu/44061532/Thor_nos_Estados_Unidos_The_Challenge_of_Thor_de_Henry_Wadsworth_Longfellow

ALVES, Victor Hugo Sampaio. O deus Thor e a polissemia de sua representatividade na voz de três poemas eddicos. *Roda da Foturna*, v. 8, n. 2, 2019, p. 160-189. Disponível em:

https://www.academia.edu/43366141/O_deus_Thor_e_a_polissemia_de_sua_representatividade_na_voz_de_tr%C3%AAs_poemas_eddicos

ALVES, Victor Hugo Sampaio. **Diferentes sons do trovão: uma perspectiva comparativa entre os deuses Thor, Ukko e Horagalles**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019, 220 p. Disponível em:

https://www.academia.edu/43361991/Diferentes_sons_do_trov%C3%A3o_uma_perspectiva_comparativa_entre_os_deuses_Thor_Ukko_e_Horagalles

CÓRDOVA, Daniel Salinas. Vikings na Literatura, p. 734-738. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018.

DAVIDSON, Hilda Ellis. **Gods and myths of Northern Europe**. London: Penguin Books, 1990.

DAVIDSON, Hilda Ellis. **Myths and symbols in Pagan Europe: early Scandinavian and Celtic Religions**. Manchester: Manchester University Press, 1988.

DELGADO, Alberto Robles. Historia de um Estereotipo: La imagen del Vikingo em lo Cine. **Metakinema Revista de Cine e Historia**, n. 21, 2017, sem paginação.

DUMÉZIL, Georges. **Gods of the Ancient Northmen**. California: University of California Press, 1973.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Os três dedos de Adão**: ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Edusp, 2010.

FROG, Etünimeton. Mythology in Cultural Practice: A Methodological Framework for Historical Analysis. **Retrospective Methods Network**, n. 10, 2015, p. 33-57.

FROG, Etünimeton. Germanic traditions of the theft of the thunder-instrument (ATU 1148B): an approach to Þrymskviða and Þórr's adventure with Geirrøðr in a circum-baltic perspective, p. 120-162. In: HEIDE, Eldar (org.); BEK-PEDERSEN, Karen (org.). **New Focus on Retrospective Methods: Resuming Methodological Discussions – Case Studies from Northern Europe**. Helsinque: Academia Scientiarum Fennica, 2014.

FROG, Etünimeton. Circum-Baltic mythology? The strange case of the theft of the thunder instrument (ATU 1148b). **Archaeologia Baltica**, n. 15, 2011, p. 78-99.

LANGER, Johnni. Viking, p. 706-718. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018.

LANGER, Johnni. Fé, exotismo e macabro: algumas considerações sobre a religião nórdica antiga no cinema. **Ciências da Religião: história e sociedade**, v. 13, n. 2, 2015a, p. 155-180.

LANGER, Johnni. Thor, p. 496-503. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015b.

LANGER, Johnni. Martelo de Thor, p. 301-304. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015c, p. 496–503.

LANGER, Johnni. As representações do deus Thor nas HQ's. **Brathair**, n. 6, v. 1, 2006, p. 50-54.

LANGER, Johnni. Midvinterblot: o sacrifício humano na cultura viking e no imaginário contemporâneo. **Brathair**, v. 4, n. 2, 2004a, p. 61 -85.

LANGER, Johnni. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História Hoje**, n. 5, 2004b, p. 1-13.

LANGER, Johnni. The origins of the imaginary Viking. **Viking Heritage**, n. 4, 2002.

LINDOW, John. **Norse Mythology: A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs**. Nova York: Oxford, 2001.

LINDOW, John. Thor's visit to Utgarda-Loki. **Oral tradition**, n. 15, v. 1, 2000, p. 170-181.

LINDOW, John. Thor's duel with Hrungnir. **Alvíssmal**, n. 6, 1996, p. 3-20.

LINDOW, John. Addressing Thor. **Scandinavian Studies**, v. 60, n. 2, 1988, p. 119-136.

LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and Legend, p. 225-250. In: SAWYER, Peter (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Oxford: University Press, 1997.

MALTAURO, Marlon Ângelo. Jorð, p. 272-273. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica: mitos, símbolos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015.

MOTZ, Lotte. The Germanic Thunderweapon. **The Saga Book of the Viking Society**, n. 24, 1997, p. 329 – 335.

NORDBERG, A. Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion, p. 119-153. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter (Ed.). **More than mythology: narratives, ritual practices and regional distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions**. Lund: Nordic Academic Press, 2012.

NORDEIDE, Sæbjørg Walaker. Thor's hammer in Norway: a symbol of reaction against the Christian cross?, p. 218-222. In: JENNBERT, Kristina (Org.); ANDRÉN, Anders (Org.); RAUDVERE, Catharina (Eds.). **Old Norse religion: long-term perspectives: origins, changes and interactions**. Lund: Nordic Academic Press, 2006.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Thor – do mito a super-herói: a reinvenção moderna do deus nórdico do trovão. **História, imagem e narrativas**, n. 18, 2014, p. 1-30.

PERKINS, Richard. **Thor the wind-raiser and the Eyrarland image**. London: Viking Society for Northern Research, 2001.

SIMEK, Rudolf. **Dictionary of Northern Mythology**. London: D.S. Brewer, 2007.

STURLUSON, Snorri. **The Prose Edda**. Translated and with an introduction by Anthony Faulkes. Great Britain: Everyman, 1995.

SØRENSEN, Preben Meulengracht. Þorr's Fishing Expedition, p. 119-139. In: ACKER, Paul (Ed.); LARRINGTON, Carolyne (Ed.). **The Poetic Edda: essays on Old Norse Mythology**. London: Routledge, 2002.

TAGGART, Declan. Do Thor and Odin have Bodies? Superperception and Divine Intervention among the Old Norse Gods. **Religions**, vol. 10, 2019, p. 1-21.

TAGGART, Declan. Stealing his thunder: an investigation of Old Norse pictures of Þórr. **Saga-Book**, n. 41, 2017a, p. 123-146.

TAGGART, Declan Ciaran. All mountains shake: seismic and volcanic imagery in the Old Norse literature of Þórr. **Scripta Islandica**, n. 68, 2017b, p. 99-121.

TAGGART, Declan Ciaran. **Understanding diversity in Old Norse religion: taking Þórr as a case study**. 2015. 245 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Aberdeen, Escócia.

Thor. Direção: Kenneth Branagh. Estados Unidos. Produtora: Paramount Pictures, 2011, 115 min.

TSUGAMI, Susan Sanae. (Neo) Paganismo, Cultura Pop e Mídia. **Sacrilegens**, v. 16, n. 1, 2019, p. 6-24.

TURVILLE-PETRE; Gabriel. **Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia**. Estados Unidos: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

VRIES, Jean de. **Altnordisches etymologisches wörterbuch**. Leiden: E. J. Brill, 1962.

WAMERS, Von Egon. Hammer und Kreuz. Typologische Aspekte einer nordeuropäischen Amulettseite aus der Zeit des Glaubenswechsels, p. 83-107. In: MÜLLER-WILLE, Michael (Eds.). **Rom und Byzanz im Norden**, 1999.

WARD, Elisabeth Ida. Viking Pop Culture on Display: The case of the Horned Helmets. **Material Culture Review Revue De La Culture Matérielle**, 2001, p. 7-20.

WILLIAMS, Gareth. Raiding and Warfare, p. 193-204. In: BRINK, Stephan (Ed.); PRICE, Neil (Col.). **The Viking World**. New York: Routledge, 2008.

RECEBIDO EM: 21/01/2020

PARECER DADO EM: 12/05/2020